

CAROL BENSIMON

# Sinuca embaixo d'água



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Carol Bensimon

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Esta obra foi selecionada pela Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Literária.

*Capa*

Elisa v. Randow

*Foto de capa*

Cortesia de Nicholas Osborn/ Square America

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Ana Luiza Couto

Isabel Jorge Cury

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bensimon, Carol  
Sinuca embaixo d'água / Carol Bensimon. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1514-3

1. Romance brasileiro I. Título.

---

09-06886

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

*You can't put your arms around a memory.*

Johnny Thunders

# Bernardo

É como tirar os rollers depois de andar um bocado e sentir que os pés e o chão não se entendem mais. Você quer deslizar, passar flutuando pelas coisas e pessoas, e já não pode. Então pensa Tudo bem, adiante, vamos caminhar agora, caminhem direito por favor, mas não tem jeito de conseguir sem um pouco de tempo, porque os rollers ainda estão em você de certa maneira. O cérebro diz Caminhe, os pés Deslize. E caso alguém venha pela rua, estará pensando: olha lá um garoto com um grande problema! O que faz com que eu goste cada vez menos das pessoas e cada vez mais da Antônia, que dizia que o mundo era como um monte de gente recém-saída do oculista ainda sentindo o efeito do colírio-de-dilatar-pupilas: nos enche de mais luz do que podemos suportar e por isso ficamos sem ver nada de nada. Mais luz, mais escuridão. Sei como é porque faço anualmente o teste de ver letras projetadas, no qual observo minha miopia avançar de forma simétrica, embora um olho me pareça bem pior que o outro (Antônia tapando meu olho esquerdo: Tá vendo aquele barco lá na outra ponta do lago?). Mas os meus óculos servem

muito mais é para serem tirados toda hora e para que daí eu esfregue a ponta da camiseta nas lentes, já que não fumo, e por isso não sei muito o que fazer com as mãos, e é preciso fazer algo com as mãos, sempre, como puxar folhas de árvores que estejam no meio do caminho, recolher pedras no chão e jogá-las em algum lugar, arrancar rótulos plásticos de garrafas d'água, dobrar notas fiscais, extratos bancários, e este bilhete agora na minha mão que, se eu pudesse, dobrava em mil, até ficar pequeno a ponto de desaparecer.

Numa noite, há dois meses, Camilo arremessou uma bola de papel pela janela, e mais pelo jeito atordoado que eu andava e menos pela miopia, não vi exatamente onde ela tinha caído. Por isso demorei um tempo tateando a calçada, dessas com pedras em formas irregulares e musgo nas junções, como em todo bairro onde não passam muitos pés, e me lembro de ter sentido que a pedra estava gelada de umidade, e me lembro também de ter escutado um pássaro e de ter pensado que há um tipo de pássaro especialista em cantar durante a noite, e que esse tipo de pássaro me dava arrepios. Mas pensar nisso, pela primeira vez e logo naquele momento, era mesmo algo de se desconfiar. Sempre me deram arrepios? Não era uma coisa que eu podia dizer com certeza. Às vezes eles estavam cantando e eu nem percebia. Acho que fizeram isso numa porção de noites. O que um animal faz num dia, repete em todos. Cantavam uma canção de fundo para nós.

Então havia esse canto do pássaro, esse sinal sonoro, quase um alarme com a regularidade impressionante da natureza, e eu encontrei a bola de papel. Abri muito rápido. Estava escrito: passa aqui quando puder. Olhei para cima e ia balançar a cabeça para dizer que passaria sim (quando pudesse), mas já não havia ninguém. Portanto essa foi a última vez que eu vim aqui, antes de agora. Eu não sabia o que dizer para o Camilo, nunca ultra-

passamos a meia dúzia de frases um com o outro e, de qualquer maneira, quando-puder era uma noção de tempo um tanto vaga. Quando não estiver ocupado fazendo alguma outra coisa? Nesse caso, eu nunca estava assim tão ocupado. Quando psicologicamente puder? Nesse outro, desconfio que dois meses ainda não são o bastante, eu aqui segurando o bilhete dobrado até o limite, até o ponto de ele estar parecendo uma pequena barraca. Seis vezes é o máximo que se pode dobrar um papel, dizem, sempre dividindo-o ao meio, mas vi um programa de tevê provar que não é bem verdade. Quer dizer, eles testaram com um papel do tamanho de um estádio de futebol, o que já ultrapassa um pouco o limite do bom senso, e pararam se não me engano porque estavam cansados de ir de um lado para o outro com todo o cuidado para não rasgar o papel de não sei quantos quilos. E porque certamente tinham outro equívoco para desfazer e provar, assim, que a gente acredita nas maiores besteiras.

Está um bonito de um sol hoje, com barcos aqui e ali, mas deixo de olhar para o lago e me viro para a casa salmão. Vejo que degringolou. Quase posso enxergar a sujeira grudando progressivamente nas paredes e uma coisa vindo a se encadear na outra, do tipo um dia que choveu muito, seguido de um gato que deslocou uma telha, que então caiu levando junto um pedaço de reboco, que terminou em algum lugar da grama crescida demais, que por sua vez atraiu insetos, cujos restos ainda podem ser encontrados no fundo da piscina. É como ver uma flor abrir e fechar e morrer em dez segundos de gravação.

Mas acho que quando-puder não tem que ser hoje, ou ao menos não necessariamente agora. Atravesso a rua sem carros e caminho até o bar do Polaco. Ninguém está nesta parte da cidade num dia de semana a esta hora da tarde, exceto os caras nos barcos, uns bem próximos, ao redor do clube de velas, outros um pouco mais longe, mas nunca muitos, até porque o lago não é a

coisa mais linda do mundo. Quero dizer, todos nós gostaríamos que ele fosse ao menos um pouco mais azul. Lagos costumam ser azuis, não marrons, e as pessoas adoram o azul, é a cor favorita da maioria delas, isso tudo por causa do céu e da água (certamente não dessa), o que eu também vi num documentário, que é o que faço perto da hora de dormir. De qualquer maneira, está abrindo, o bar em que já estive um milhão de vezes, sentado conversando enquanto esmigalhava rótulos ou tentava rosas de guardanapo, na rua de pé com um copo descartável de vinho, ou então jogando sinuca no salão dos fundos, que podemos dizer que é uma parte construída literalmente dentro d'água, o que tem deixado a prefeitura puta da vida há uns vinte anos. Mas acho bonito pra burro. De fora, vejo a água batendo no quadrado de concreto, e o sol por sua vez batendo nas janelas formadas de pequenos vidros azuis ou verdes, ou nada, ou só pontas do que um dia foram vidros inteiros azuis ou vidros inteiros verdes.

O Polaco está armando a última das mesas que ficam na rua. O espaço é pequeno, só cabem três. Chego mais perto, ele me vê, não parece nem um pouco feliz. Na verdade, tenho a impressão de que ter me visto é a pior coisa que podia acontecer ao Polaco nesta tarde. Percebo o desconforto em seus olhos e nas rugas da testa, que se dobra como papel. Ele diz Bernardo, oi, o que é muito diferente do que se tivesse dito Oi, Bernardo. Também deve achar que é cedo demais. E não para de arrumar as mesas. Abre uma cadeira, vai pegar mais outra. O barulho de metal raspando em metal se acomoda entre o oi dele e o meu oi. Quando ele volta, eu peço uma cerveja e sento de frente para o lago, que é o mesmo que dizer de costas para a casa. Dois meses atrás eu estava decidido a entrar, mas eles estavam decididos a não deixar que eu entrasse. Eu me pergunto que tipo de movimentação ou reclusão o Polaco tem observado, com os olhos vermelhos porque parecia gostar muito de Antônia, enquanto segura

o seu pano encardido de desfazer as marcas redondas e molhadas que os copos fazem quando mudam de lugar.

Eu mudo o meu de lugar muitas vezes, desenho dois símbolos olímpicos com os círculos e, mesmo assim, o Polaco não chega nem perto. Vejo que ele está lá dentro raspando a chapa com uma espátula, e depois vejo que minha mesa tem dois versos do T. S. Eliot escritos com caneta vermelha para CDs. In the room the women come and go Talking of Michelangelo. Antônia imaginava que eram mulheres muito gordas. Nada disso estava no poema, mas para Antônia eram gordas dando voltas no Louvre. Então quero chorar uma outra vez.

Eu não precisaria estar de novo neste lugar, porque moro do outro lado da cidade. Na verdade, ninguém precisa vir até o lago. Todas as coisas costumam acontecer bem longe daqui, onde há advogados, médicos, floristas, a comida italiana ou tailandesa, onde há ruas com cruzamentos e calçadas com lixeiras e os apartamentos que os amigos costumam alugar. Tudo a quilômetros de distância. São as pessoas daqui que devem ir para lá. In the room the women come and go Talking of Michelangelo é o mesmo que dizer que, quando ainda não nos preocupávamos em parecer tão espertos como pensávamos ser de fato, nem em procurar nos sebos revistas pornô da década de cinquenta, fizemos uma apresentação na aula de Estudos Literários I, eu o Senhor Prosa e ela a Senhora Poesia. Tínhamos que ficar nos xingando por seis minutos e meio enquanto nem de ler romances ou poemas os nossos colegas da Letras gostavam, e a professora dava risadas como soluços durante a apresentação, que era o mesmo que dizer Que belo esforço, mas isso está soando ridículo, que era o mesmo que dizer que era genial.

Gostaria de comentar agora: Antônia, lembra quando fomos geniais sendo o Senhor Prosa e a Senhora Poesia? Que é o mesmo que dizer que eu estou arrasado. E também, e sobretudo: será



que você esqueceu que é preciso ir mais devagar nas descidas?  
Que nas descidas a gente pode sentir a vida mais do que deveria,  
e acabar morrendo disso?